

ENTREVISTA COM DENISE CARVALHO DOS SANTOS RODRIGUES¹

Ancestralidade algorítmica: tecnologia, arte e comunicação na decolonização da inteligência artificial

*Algorithmic ancestry: technology, art, and communication in artificial
intelligence's decolonization*

*Ancestralidad algorítmica: tecnología, arte y comunicación en la decolonización
de la inteligencia artificial*

Entrevistadoras: Mineia Oliveira² e Gabriela Marques Gonçalves³

O debate sobre os vieses discriminatórios no campo da inteligência artificial (IA) tem se ampliado tanto na área científica quanto nas ações da sociedade civil (Silva; Silva, 2024), destacando a urgência de desenvolver olhares críticos sobre o âmbito tecnológico. O próprio conceito de “racismo algorítmico”, por exemplo, evidencia os desafios enfrentados por pesquisadores/as e movimentos sociais ao discutir como o racismo atravessa as estruturas sociais.

Dominar a técnica sem deixar de lado essas discussões se torna um ato de resistência não só para se pensar o desenvolvimento de tecnologias, mas também sua apropriação a partir de um olhar e uma prática que não aprofundem as lógicas coloniais da sociedade. Para refletir sobre estas questões, propomos um diálogo que discute como a ancestralidade pode ser reivindicada neste contexto, especialmente quando pensamos a tecnologia como aliada de grupos minorizados e invisibilizados.

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) e docente do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (IA-UNICAMP), denisecs@unicamp.br.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás (PPGCOM-UFG), em Mídia e Cidadania, especialista em História Cultural e Design e Marketing Digital, mineiag2@gmail.com.

³ Doutora em Comunicação Audiovisual e Publicidade pela Universidad Autónoma de Barcelona e docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (PPGCOM-UFG), gabrielamarques2@ufg.br.

A aproximação dos termos ancestralidade e algoritmo tem, aqui, como base, a arte, a tecnologia e a comunicação como ferramentas de luta e resistência. A luta pela apropriação desses conhecimentos é o que guia nossa conversa com a professora e pesquisadora **Denise Carvalho dos Santos Rodrigues**, docente do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (IA-Unicamp) na área de Multimeios e Ciências. Sua trajetória é marcada por uma formação multidisciplinar, sendo graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), mestre em Direitos Humanos e doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). A partir de um olhar crítico ela desenvolve pesquisas que dialogam com comunicação, arte e tecnologia com recortes raciais e de gênero.

RCI - Você tem uma formação multidisciplinar, passando por várias áreas diferentes ao longo da sua trajetória. Como você uniu essas áreas da sociologia, tecnologia e arte na sua atuação acadêmica?

Denise Carvalho - O caminho do mestrado já foi o primeiro passo, porque eu comecei minha pesquisa tratando de direito e pobreza, que foi na Faculdade de Direito da USP. Acabei, naturalmente, chegando aos recortes de raça e de gênero. Tive a proposta, a partir disso, do meu orientador de mestrado, de desenvolver uma pesquisa sobre leis antirracistas, leis que tratassem sobre essas questões⁴. E assim fiz no mestrado.

Eu pretendia fazer o doutorado na minha área de formação, porque eu sou formada em Ciências Sociais e aí voltei para o doutorado na Sociologia. Eu acabei querendo seguir ainda por essa linha de um recorte relacionado à raça, recorte étnico-racial. Então, propus a pesquisa, que foi uma tese de doutorado que tratava sobre as experiências de pessoas que passaram por situações em que aconteceu um crime com motivação racial e que apresentaram uma denúncia em uma delegacia especializada em crimes raciais de São Paulo⁵.

⁴ “Direitos humanos e a questão racial na Constituição Federal de 1988: do discurso às práticas sociais”. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2140/tde-21062013-141556/publico/Dissertacao_Denise_Carvalho_dos_Santos_Rodrigues_Versao_nova_Corrigida.pdf. Acesso em: 5 dez. 2025.

⁵ “Experiências de injúria racial e preconceito/discriminação em novos contextos sociais: um estudo sobre os boletins de ocorrência e os relatos de crimes raciais registrados na 2ª Delegacia de Polícia de Repressão aos Crimes Raciais e de Delitos de Intolerâncias (DECRADI/SP)”. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-20082018-153128/publico/2018_DeniseCarvalhoDosSantosRodrigues_VCorr.pdf. Acesso em: 5 dez. 2025.

E aí, por esses caminhos eu fecho um pouco como é que eu cheguei nesse recorte de raça, étnico-racial, de gênero.

A parte da tecnologia veio ao fim do meu doutorado, finalizado em 2017. Em 2018 iniciei uma pesquisa de pós-doutorado no Programa de Estudos da Mídia da UFRN (PPGEM). Propus uma pesquisa que tratava sobre a representação social de Marielle Franco nas redes, nas mídias, e o primeiro caminho foi esse. Lá fui estabelecendo algumas parcerias de estudos e, na verdade, ao contrário do que eu imaginava no início, meu pós-doutorado se desdobrou não só nessa pesquisa, mas em três frentes de pesquisa. Eu realizei uma pesquisa sobre essa representação a respeito de Marielle Franco nas mídias. O resultado foi a apresentação de um trabalho na Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar).

A outra frente de pesquisa estava relacionada ainda à minha formação, tratava de uma pesquisa sobre direito à comunicação e a relação com o direito à saúde, especificamente sobre o acesso a informações, a dados relacionados ao sistema de mortalidade, ao sistema de saúde, ao DATASUS. E por que isso? Porque durante um tempo era possível coletar dados que possibilitavam uma análise de mortalidade materna nos recortes de raça nas várias regiões do Brasil. Só que houve um momento em que esses dados não estavam sendo coletados e disponibilizados no DATASUS, no sistema de mortalidade do Ministério da Saúde (MS). Então, não era possível coletar.

Fui problematizando a importância da divulgação desses dados e associando os casos de mortalidade materna a questões relacionadas também à subnotificação de dados, principalmente com relação a determinadas regiões. Assim como aconteciam vários picos nessas taxas, a subnotificação de dados era bem identificável. E por um tempo ficou difícil analisar essas informações, quando elas não eram publicizadas.

Fiquei um tempo também atuando com pesquisas relacionadas a questões trazidas por documentaristas negras e indígenas, em parceria com uma colega pesquisadora indígena, para saber como elas traziam suas percepções a respeito de ancestralidade nas realizações que produziram. Essa foi a outra linha, foi como um desdobramento.

Depois do estudo sobre Marielle Franco acabei me desdobrando para uma parceria muito importante na minha trajetória com a professora Fernanda Carreira, da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E começamos a desenvolver

um estudo que eu acho que foi a nossa primeira parceria e ela foi muito marcante porque ela se desdobrou em resultados de pesquisa que tiveram uma repercussão muito grande, não só no campo acadêmico, mas também em alguns veículos de comunicação. Isso acabou fazendo com que essa pesquisa tivesse um ganho muito grande em termos de divulgação científica, por meio de um artigo que tem como título “Algoritmos racistas: a hiper-ritualização da solidão da mulher negra em bancos de imagens digitais”⁶, que foi publicado em 2020, na Revista Galáxia.

Também acabei desenvolvendo parcerias com outras docentes da área, como a professora Lívia Ruback, da Faculdade de Tecnologia da Unicamp, no Campus de Limeira, e a professora Sandra Avila, do Instituto de Computação, também da Unicamp, mesmo antes de ter vindo para a Unicamp. Coincidentemente, acabei sendo convidada para participar dessa parceria de estudo com elas e desenvolvemos um estudo que tratava sobre mitigação de vieses algorítmicos, vieses no aprendizado de máquina. Nessa pesquisa nós compilamos informações múltiplas de várias referências que nos mostram que existem múltiplas possibilidades de desenvolvimento de vieses com relação aos algoritmos⁷.

RCI - E como você articula essas questões da tecnologia com o campo da arte?

Denise Carvalho - Entrando na Unicamp, fazendo parte de um curso que está dentro do Instituto de Artes, eu me senti desafiada a pensar em um plano de pesquisa que pudesse abranger também o campo das artes, o aspecto das artes. E, a partir daí, sugeri a elaboração, e ainda continuo desenvolvendo o mapeamento de estudos, de obras desenvolvidas por meio de inteligências artificiais generativas (IAGs), por artistas negros e negras, que tivessem esse objetivo de problematizar a questão dos vieses algorítmicos. Comecei a desenvolver a pesquisa sobre uma artista senegalesa que organizou uma exposição virtual, Linda Dounia, que tratava dessas problematizações e que conseguiu reunir vários artistas⁸.

⁶ Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/cZmnDhD7RmntbyXJ8Tcwq6y/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 dez. 2025.

⁷ “Mitigando vieses no aprendizado de máquina: uma análise sociotécnica”. Disponível em: <https://journals-sol.sbc.org.br/index.php/isys/article/view/2396/2244>. Acesso em: 5 dez. 2025.

⁸ “In/Visible e a resistência à crise criativa nas expressões artísticas geradas pela IA”. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/14994>. Acesso em: 5 dez. 2025.

Mas um ponto que eu achei interessante foi que alguns dos artistas brasileiros que lidam com esse campo não se denominam artistas, mas cientistas de dados. E me causa muita curiosidade saber desses artistas – que geram, que criam suas obras, que se expressam artisticamente por meio dessas IAGs – quais questionamentos eles trazem e como eles trazem. E como se dá esse processo de desenvolver questionamentos relacionados às dificuldades que eles têm nesse processo de criação. Porque muitos têm falado sobre a questão da autoria e falado sobre a interferência do processo de aprendizado de máquina na própria autoria do artista.

Um dos fatos, um dos elementos que essa curadora e artista senegalesa, Linda Dounia, traz é exatamente isso, fazer uso dessas IAGs como elementos que também demonstrem como se dá esse processo de resistência e de reparação de preconceitos que são expressos, que são revelados por meio dos vieses em que eles aparecem, nas imagens que esses artistas geram, e como os artistas problematizam essas questões. E aí, por exemplo, eu comecei por essa artista senegalesa, que foi a curadora da exposição virtual In/Visible. Ela trazia justamente esses questionamentos porque quando ela tentou fazer um autorretrato pensando na sua ancestralidade, pensando nas suas memórias da infância, pensando na sua história, de quando era criança e passava os dias na mercearia da avó dela, ela tentou rememorar essa imagem, autorretratando-se na mercearia, ela percebeu que as imagens vinham com vieses – alguns que já têm sido problematizados em algumas pesquisas. Por exemplo, da mulher negra não ser vista como mulher, de ser masculinizada, de aparecer na imagem como se tivesse a aparência masculina. E grande parte das imagens que ela traz, um conjunto muito grande, mostra o seu autorretrato como uma mulher branca ou com o cabelo totalmente diferente do que ela gostaria de apresentar porque ela fala sobre a importância do cabelo nesse processo de identidade. Em alguns espaços os cabelos não eram retratados como os cabelos de uma mulher negra, também eram marcados, de alguma forma, por processos de branqueamento.

Então, eu acho que a partir dessa primeira sessão dessa pesquisa pude identificar alguns elementos que vão me ajudar nesse processo de compreender algo que eu tenho observado: de que esse processo de criação pode ser atravessado por um exercício prático do próprio artista, da própria artista, de resistência diante das interferências que a máquina, que

a IA, traz para essas criações. E, de certo modo, eu acho que, complementando alguns trabalhos que problematizam a questão da autoria, a demarcação da autoria desses autores e autoras que fazem uso dessas narrativas também é perpassada pela tentativa de confrontar os erros, as falhas, que acontecem a partir dos *prompts*, dos comandos que eles apresentam, dos resultados que vêm a partir desses *prompts* de comando. E eu acho que o processo de resistência é exatamente gerar novos *prompts* que os auxiliem no processo de retratar o que eles gostariam realmente de retratar, sem que a IA interfira de um modo taxativo, criando, gerando algo que fuja do que foi idealizado pelo artista ou pela artista.

Mas eu vejo, por meio do que eu observo, que parte dessa questão da ideia da resistência da ancestralidade que é trazida se dá no sentido do que eu identifico com relação à observação que eu faço de algumas obras, algumas imagens que remetem a aspectos ancestrais; está no desafio de representar isso em um cenário futurista, de futuro, um cenário de desenvolvimento tecnológico. Passa um pouco pela discussão do campo do afrofuturismo mesmo, que às vezes são os desafios que esses artistas têm no desenvolvimento de imagens ancestrais em um contexto de avanço tecnológico.

Em um cenário de avanço tecnológico, às vezes é desafiador ter a imagem de uma pessoa preta sendo retratada nesse processo. É por isso que eu digo que é um processo de resistência que eu vejo que caminha, na minha análise, em paralelo com alguns questionamentos que o afrofuturismo traz. Lembro do conceito de devir negro, de Achille Mbembe⁹. Quando penso no devir negro, reflito sobre como o corpo negro pode ser pensado em um contexto de futuro.

RCI - Você, enquanto pensadora negra, decolonial, mulher, como você faria seus *prompts*?

Denise Carvalho - Eu acho que a estratégia de resistência que eu encontraria para os meus *prompts* seria associar à ideia de protagonismo, à ideia da força e autonomia. E também à ideia da realeza. Se eu um dia desenvolvesse, eu tentaria trazer alguns elementos que trouxessem para mim essa representação de realeza, de protagonismo, acredito que de força e de beleza, porque a beleza, em alguns contextos, é algo que é retirado de nós – mulheres

⁹ MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Tradução: Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

negras. Também acho que a ideia de realeza às vezes não é tão pensada. Ainda bem que hoje em dia nós temos visto algumas representações. Eu fico pensando até na minha infância. Na minha infância eu nunca pensei nessa representação da menininha, que é a princesa e que usa a coroa; eu nunca me imaginei nesse lugar, de ir para uma festinha com uma coroa de princesa. Eu acho que parte desse exercício passa por isso, da ideia da realeza, da beleza.

Pensando nos estudos que eu desenvolvi no passado, estamos, às vezes, muito atrelados aos estereótipos, a essa marca da representação, como Stuart Hall fala, que é colocada sobre nós e que também é uma linguagem comunicativa. Fico lembrando também de outro conceito, de imagens de controle, da Patricia Hill Collins. O quanto essas imagens de controle são versadas e apresentadas sobre nossos corpos e acabam nos dissociando de alguns desses aspectos.

Eu tentaria ver como é que uma imagem gerada com o auxílio de uma IA apareceria e se surgiria o desafio de ajustar esta imagem, pensando no que eu teria intenção de retratar. A máquina vai aprendendo enquanto os comandos são apresentados. Então, quanto mais valorizamos essa ancestralidade, essa mulher negra, essa imagem positiva, mais isso vai se incorporando ao processo de aprendizagem de máquina. Principalmente porque passamos por processos em que até bem pouco tempo pessoas negras e a ancestralidade negra estavam intimamente relacionadas à ideia, à imagem de uma pessoa escravizada.

RCI - Pensando os limites que a máquina tem, já que toda máquina tem um limite, e que essa máquina funciona dentro de uma lógica capitalista, uma lógica colonial – para tentar complexificar um pouco essa questão do uso da IA em uma perspectiva de resistência e reparação, que é o que alguns artistas estão fazendo, como você tem discutido – quais são os limites também de usar a IA enquanto resistência e enquanto reparação histórica?

Denise Carvalho - A gente sempre vai estar dentro desse sistema que é classista, é patriarcal, é racista. Enfim, é complexo, mas como a gente consegue pensar e refletir sobre isso? Pensando nos limites, são múltiplos limites que podem ocorrer. Eu acho que, de início, um dos limites que podemos identificar é que, primeiro, parte desse processo de geração de *prompts* de comando, por exemplo, está intimamente relacionada a pessoas que conhecem bem a ferramenta. Eu acho que um dos primeiros desafios ou limites seria dominar e conhecer

essa ferramenta, tanto que, pelo menos desta pré-análise que eu fiz, a partir de um grupo específico de pessoas que atuam com esse tipo de ferramenta para fins artísticos, algumas destas pessoas são cientistas de dados.

É um desafio. E aí nós pensamos, puxando sempre para o social porque passa pela minha formação, quantas pessoas negras ou mulheres negras têm acesso a uma educação que possibilite esse conhecimento específico, esse conhecimento que é muito próprio dessa área, desse campo, muito restrito, eu imagino. Algumas pessoas se destacam nesse campo. Eu acho que quem problematiza muito isso é a Nina da Hora¹⁰. Ela é maravilhosa, ela é ótima.

As IAs, que vou chamar de ferramentas, têm sido tão utilizadas e de uma forma tão rápida, os avanços são imensos. E, às vezes, nós até nos surpreendemos com a rapidez e a velocidade desses avanços. Dentro desse escopo, muito se fala sobre os benefícios, o que acaba, de certo modo, caminhando também em paralelo com a ideia de que a máquina não falha. A infalibilidade da máquina, a neutralidade do aprendizado de máquina, dessa neutralidade desses processos que, na verdade, não acontecem.

E muitas vezes é importante que haja pessoas que tratam dessa questão dos limites das próprias ferramentas, sobre a ausência de neutralidade dessas ferramentas. Há pessoas que trilham caminhos diferentes. Eu acho que a maioria desenvolve pesquisas que sejam mais funcionais, que essas ferramentas sejam funcionais no auxílio do desenvolvimento de algum estudo específico e que o trabalho não esteja debruçado sobre os problemas que venham a surgir a partir do uso dessas ferramentas.

E pensando em conhecer esse processo por dentro, além das discussões sobre a ausência de neutralidade algorítmica, também há reflexões sobre a opacidade algorítmica e vemos uma série de discussões que têm se desenvolvido já. Eu lembro de algumas iniciativas como a CryptoRave¹¹, que tem acontecido há alguns anos, em que algumas pessoas da área têm trabalhado e pensado sobre *softwares* livres, *softwares* de código aberto. Eu acho que passa por essas questões. É outro desafio. Porque a questão do *software* livre e do *software* de código aberto está intimamente relacionada à discussão sobre *big techs*. Então, eu acho

¹⁰ Bacharel em Ciência da Computação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e mestranda em Política Científica e Tecnológica pela Unicamp. Fundadora do Instituto da Hora.

¹¹ Evento anual gratuito que acontece em São Paulo sobre segurança, criptografia, *hacking*, anonimato, privacidade e liberdade na rede. Disponível em: <https://2025.cryptorave.org/#sobre>. Acesso em: 6 fev. 2026.

que é uma série de limites e desafios juntos que passa por todas essas questões, todos esses pontos.

RCI - Você acha que os programadores têm que se humanizar mais ou os comunicadores, historiadores e sociólogos precisam aprender a programar?

Denise Carvalho - Difícil essa pergunta, difícil responder. Talvez ambas as coisas ou talvez que haja uma junção entre profissionais das humanidades e profissionais do campo da tecnologia. Acho que ambos os casos deveriam acontecer, poderiam acontecer. E, não sendo possível, acho que se poderiam abrir cada vez mais canais de diálogo entre esses diversos profissionais, em parceria mesmo. Felizmente eu consegui encontrar, no decorrer da minha trajetória, profissionais do campo das ciências exatas que têm esse interesse. Mas eu acho que é uma forma de reparar, se não for possível, que profissionais do campo das humanidades obtenham conhecimento técnico e que os profissionais da área tecnológica desenvolvam estudos que tratem de mais questões das humanidades ou da problematização dessas questões vistas junto à sociedade.

Acredito que é um caminho possível porque acho que são caminhos muito extremos, e, principalmente no campo da pesquisa, é tão difícil porque quanto mais avançamos, mais afunilamos. Para mim é muito difícil, como uma pessoa das ciências humanas, que já optou por seguir o caminho nas ciências humanas, por uma questão de trajetória de vida e de aptidão. Eu saí da Química, meu primeiro vestibular foi em Química - Bacharelado e por questões de falta de aptidão no campo das ciências exatas, eu fui para o campo das humanidades.

Seria muito desafiador para mim, nos dias atuais, conhecer essas ferramentas e lidar com elas de uma forma aprofundada, como se fosse uma cientista de dados, para mim seria difícil. Até por questões de aptidão mesmo, porque eu lido melhor com palavras. O qualitativo sempre foi melhor para mim. E eu acho que talvez, do outro lado, quem trabalha no campo da tecnologia, também encontre um caminho mais fácil, um caminho de maior inserção no mercado, atuando no campo da tecnologia.

O mercado profissional não detém o foco em discutir essas problematizações que acontecem. Então, uma solução que eu encontraria seria essa abertura de diálogo, de que

essas questões fossem trazidas cada vez mais à baila, à discussão, para que profissionais com múltiplas formações se unissem, discutindo e, talvez, buscando soluções diante dessas questões e desses problemas que ultrapassam o debate do campo da comunicação e dos estudos da mídia. Mas eu acho que são problemas que, como a própria autora do livro “Algoritmos de destruição em massa: como o big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia”¹² diz, são questões do passado que ainda permanecem hoje e no futuro, em um contexto de alto desenvolvimento tecnológico.

RCI - Você comentou mais de uma vez a questão dos vieses. Poderia explicar um pouco o que seriam esses vieses, como eles interferem no aprendizado de máquina, na IA? Dá para listar alguns vieses que sejam básicos para qualquer pessoa que vai pesquisar IA, que precisa levar isso em consideração?

Denise Carvalho - Eu acho que eu posso partir dos processos de estudos pelos quais eu passei. Existem as ocorrências de vieses nos dados, que ocorrem quando a coleta e o pré-processamento de dados conduzem a modelos que não são representativos com relação a determinados grupos populacionais.

Há vieses no modelo, que acontecem na fase do pós-processamento, durante a criação e a avaliação do modelo criado. Também existem vieses históricos, que acontecem em uma etapa anterior à coleta de dados e que podem acontecer quando determinados vieses culturais ou sociais parecem estar indissociados de elementos históricos do passado que revelam determinados julgamentos ou preconceitos.

Um outro viés também que pode acontecer é o viés de interpretação humana, que está relacionado à utilização indiscriminada de modelos sem que haja um processo de validação humana com o objetivo de identificar se um determinado sistema está falhando ou não. Parte desta discussão é apresentada em estudos sobre sistemas de reconhecimento facial. Eu considero Tarcísio Silva¹³ e Nina da Hora especialistas nesse campo, eles falam muito sobre isso. Tarcísio Silva questiona, em seus estudos, esse elemento de falha na interpretação

¹² O’NEIL, Cathy. **Algoritmos de destruição em massa**: como o big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia. São Paulo: Rua do Sabão, 2021.

¹³ Doutor em Ciências Humanas e Sociais na Universidade Federal do ABC (UFABC), mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA e especialista em Direito Internacional e Direitos Humanos. Autor do livro “Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais” (2024).

humana com relação ao que é apresentado a partir do reconhecimento facial de uma pessoa em determinada situação.

Acho que quem passar pelo campo, por estudos que perpassam por IAs, inevitavelmente vai problematizar alguma dessas questões. Provavelmente essa pessoa vai passar por questões relacionadas a esses vieses de interpretação humana com relação ao próprio modo como lidamos com essas ferramentas e isso faz com que, às vezes, a máquina cometa erros e nós acabemos sendo influenciados por estes erros.

Passa também pelo questionamento com relação às escolhas que são feitas por parte dos programadores, das programadoras, nos momentos de testagem e avaliação desses modelos algorítmicos. Passa, ainda, pelo campo de quem lida diretamente com esses dados. O mecanismo de aprendizado de máquina precisa de um grande volume de dados. De que modo é feita essa amostragem? Será que essa amostragem é realmente diversa o suficiente? E essa diversidade ocorre em um volume suficiente para que a máquina não entenda que só existe um tipo de pessoa no mundo, um parâmetro estético de pessoa no mundo?

E ainda, quem vai passar também pelo campo das IAs inevitavelmente vai falar sobre os reflexos históricos do racismo, do apagamento e da invisibilidade social e histórica, dos múltiplos preconceitos sendo mediados por esses dispositivos eletrônicos ou digitais. Alguém que tem interesse por esse campo vai precisar passar por alguma dessas problemáticas, possivelmente.

RCI - A universidade com mais pessoas pretas é uma alavanca para essa resistência?

Denise Carvalho - Eu acredito que sim. Eu acredito que é uma alavanca para isso sim. Eu acho que o acesso de pessoas pretas ao campo, ao espaço da universidade, é importantíssimo. Esse caminho funciona por duas vias. Tanto em relação à inclusão dessas pessoas na universidade, algo que tem sido muito problematizado, mas também a inserção de indivíduos externos para que estejam compartilhando conhecimento com a universidade também. Eu acho que é o momento de a universidade se colocar neste lugar de aprendiz também, de aprender com esses atores externos, que trazem determinados conhecimentos e saberes que são muito importantes para o campo da universidade. É um quadro da expansão que precisa ser cada vez mais implementado.

RCI - Você pode também falar um pouco de como esse conceito de colonialidade dos dados entra nesse debate e qual é a relação que tem com a colonização que a gente tanto tem estudado, falado e combatido?

Denise Carvalho - Eu acho que passa muito pelo processo de revermos as estruturas que estão presentes, que perpassam esses processos, olhar para essas estruturas. Eu acho que quando nós pensamos em colonialidade dos dados é super importante olhar para qual estrutura está sendo posta diante de nós e pensar sobre quais são os mecanismos que estão ali presentes, mesmo que não ditos, mas que contribuem para a manutenção de um *status quo*, que é de privilégios de grupos muito específicos, nos mais diversos espaços. Não falo só nos dados, mas eu penso até nos espaços de vivência, nos espaços de formação, nos espaços de inserção no mercado.

Eu acho que essa colonialidade dos dados vem para fazer com que reflitamos sobre os processos de colonialidade que estão presentes na vivência cotidiana também. Eu acho que eles nos ajudam muito nisso, ajudam transpondo essa discussão para além de uma análise de dados. Eu acho que transpõe para pensar em qual tipo de conhecimento está sendo apresentado às pessoas que estão em formação, qual tipo de atividade é oferecida no mercado de trabalho para determinados grupos sociais, econômicos, grupos étnicos; quais são as aberturas de espaços no mercado de trabalho para essas pessoas, quais são os profissionais que acessam cargos de decisão, posições de destaque, quais são os modos de atuação na vida cotidiana, quais são os modelos de perfil mais bem inseridos ou bem colocados na nossa sociedade.

Eu acho que essa discussão que uma série de autores e autoras trazem sobre colonialidade dos dados nos mostra e nos ajuda a entender o quanto esse processo colonial se mostra ainda presente nos dias atuais. Em um contexto que para alguns é de modernidade ou de pós-modernidade, é fundamental pensar como é que existem e quais são esses elementos estruturais remanescentes nos dias atuais. Eu vejo a importância dos estudos sobre colonialidade de dados relacionada a essa reflexão profunda e que eu acho que atravessa de uma forma muito violenta determinados grupos da sociedade brasileira.

RCI - E como você vê que o capitalismo atravessa essa discussão?

Denise Carvalho - O que eu tenho observado, tanto nos estudos quanto nas leituras de autores que eu utilizo como referência, é que essa máquina do capitalismo é aquela velha ideia de que para que alguns estejam em posições de abundância e de privilégio é preciso que algum grupo esteja em uma situação de escassez, infelizmente. O que eu tenho observado, tanto nas leituras que eu faço dessas referências quanto no que nós temos visto nos estudos, é que é muito doloroso falar sobre esse negócio. Dói muito pensar que algumas pesquisas revelam essa tentativa, quase que essa malha invisível que envolve os indivíduos e que, de alguma forma, força determinados indivíduos a se constituírem em lugares específicos. Quase como se estivesse dizendo: seu lugar é esse, seu lugar social é esse, você não pode sair daqui. Isso é muito doloroso para mim, eu até evito falar sobre isso porque me causa dor.

Eu ando até desenvolvendo alguns estudos que fogem desse escopo e, por isso, eu tenho buscado a ideia das resistências e dos novos caminhos, porque esses caminhos de identificação de processos que forcem os indivíduos a estar em um lugar de escassez, de subalternização, de subjugação, de exploração, de invisibilidade, de apagamento, são os exemplos que, às vezes, eu encontro nos estudos, nas discussões que têm sido feitas a partir das leituras, das referências e também dos estudos que se desdobram nos estudos que eu trago. Fico lembrando, por exemplo, de questões que são trazidas pela Joy Buolamwini naquele documentário¹⁴ em que ela fala sobre a dificuldade de acesso a crédito de alguns indivíduos, sobre a dificuldade de acesso à moradia, a determinadas moradias em determinados espaços. É disso que eu fico falando, eu acho muito doloroso ver estudos que trazem esses desdobramentos.

E aí, quando eu fico pensando também nos estudos que eu desenvolvi sobre mortalidade materna e fico lembrando das referências que tratam sobre mortalidade materna, falando sobre a leitura que é feita de mulheres negras por determinados profissionais do sistema de saúde no momento do parto, e uma série de estudos do campo da saúde que falam sobre o menor índice de analgesia que é oferecido para mulheres pretas, dentro daquela constituição da mulher negra como sendo forte e tolerante à dor, mais resistente à dor. Ou então falando sobre o menor acesso de mulheres negras ao pré-natal.

¹⁴ "Coded bias", lançado em 2020 com direção e roteiro da estadunidense Shalini Kantayya.

Estou falando das referências que eu tenho porque eu já saí desse escopo de pesquisa e não quero mais desenvolver pesquisas que tratem sobre isso porque, para mim, pessoalmente, é muito doloroso.

Há algumas empresas que fazem uso de IAs no momento de seleção de profissionais e que, às vezes, por causa do nome, no contexto estadunidense, que determina a origem étnico-racial da pessoa, pré-seleciona quem são os candidatos que podem ou não seguir pelo processo seletivo. É muito duro isso. É uma realidade dura.

RCI - Apesar de todos esses desafios, de todos esses limites, a gente também tem uma potência, hoje maior ainda, possibilitada também pelas tecnologias, dessas outras narrativas, dessas outras imagens. Você poderia falar um pouquinho dessas perspectivas de futuro?

Denise Carvalho - Eu acho que uma perspectiva de futuro é uma perspectiva de fortalecimento. Em termos de futuro, eu acho que as melhores perspectivas são essas de, eu não gostaria de usar a palavra empoderamento porque ela ficou meio esvaziada nesse sentido, mas eu acho que as pessoas negras são as pessoas que mais se interessam por essas questões. Como educadora, eu me considero uma pessoa que está nessa posição de privilégio, tendo chegado onde cheguei, e eu tento fomentar o empoderamento desses indivíduos. Eu acho que o fortalecimento da autoestima dessas pessoas é um caminho. Os educadores precisam contribuir no sentido de fornecer possibilidades de acesso dessas pessoas a esses conhecimentos e de serem facilitadores no processo de formação de pessoas negras, no sentido de fazer com que elas sintam que elas têm perspectivas importantes para serem desenvolvidas.

Eu acho que em contraposição a um processo de epistemicídio, que tanta gente identifica, o caminho seria esse, de criar uma rede de fortalecimento de indivíduos, de pessoas negras, buscando e chamando mais pessoas negras e eu acho que motivando-as a desenvolver as reflexões ou a se desenvolverem profissionalmente. De dizer que as questões que são trazidas por essas pessoas são questões importantes, não são questões que devem ser invisibilizadas. É isso, seria isso. O coletivo que nos fortalece mesmo, eu acho que é esse fortalecimento coletivo que ajuda, que faz com que menos pessoas desistam no meio do caminho. Foi muito trabalhado historicamente que nós não éramos uma comunidade, éramos

apenas alguém que estava ali, sem qualquer protagonismo. E a ideia de que é alguém que só estava ali, dentro dessa lógica de silenciamento, de mera figuração. E eu acho que não, acho que é fundamental fomentarmos o protagonismo dessas pessoas.

REFERÊNCIA

SILVA, F. S. R.; SILVA, T. Teoria crítica da raça na regulação de inteligência artificial. *In*: ELESBÃO, A. C. S.; AMARAL, A. J.; SABARIEGO, J. (org.). **Algoritarismos II**. Valencia: Tirant Lo Blanch, 2024.